

Feminilidade mediada por computador: aspectos da comunicação contemporânea¹

Adriana Braga²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos/RS

Resumo:

Proponho neste artigo desenvolver uma reflexão sobre algumas práticas comunicacionais estabelecidas na ambiência proporcionada pela Internet – especificamente, as interações registradas em texto entre um grupo de mulheres jovens, que tematizam a maternidade em suas trocas no interior do Livro de Visitas de um *weblog* específico. Pretendo discutir alguns aspectos ligados à ocupação feminina deste espaço social, que parece estabelecer uma mudança observável na perspectiva tradicional da feminilidade, constituindo-se em um ponto privilegiado de ocorrência desse fenômeno. Em particular, me interessa relacionar a dinâmica interacional da entrada em cena de novas participantes, a negociação de sentidos em situações de conflito e uma certa teorização informal da feminilidade ali observável.

Palavras-chave: Comunicação Mediada por Computador; Cultura Feminina; *Weblog*.

Introdução

O artigo dedica-se a pensar alguns aspectos da complexa relação entre subjetividade, interação e identidades no contexto da comunicação mediada por computador (CMC), nomeadamente, nas interações ocorrentes no Livro de Visitas (LV) de um *weblog* específico, inscrevendo-se em uma abordagem da ecologia da mídia. Os *weblogs*, fenômeno midiático expressivo surgido na última década, são aqui compreendidos como um ambiente específico possibilitado pelo suporte técnico e seus usos, que originam modalidades interacionais peculiares.

O termo ecologia da mídia (*media ecology*) foi originalmente definido por Neil Postman em 1970 (*apud* STRATE, 2003, p. 19) como “o estudo da mídia como ambientes”.³ Ong (2002) destaca que Ecologia é um termo relativamente novo, incluído somente na edição de 1989 do *Oxford English Dictionary*. Desde então, incontáveis livros e artigos trazem o termo em seus títulos no sentido de expressar a preocupação com as relações entre todas as coisas, apesar deste não ser exatamente um interesse novo (ONG, 2002).⁴ Entretanto, com a explosão de informação que marca a época atual, há maior consciência das interrelações de todas as coisas da vida e das estruturas do mundo em torno de nós, possibilitando o estabelecimento de relações precisas e elaboradas entre realidades e particularidades específicas com outras realidades no universo e ambientes humanos. Nesse sentido, Ong aponta para algumas atualizações a ser realizada pela perspectiva ecológica, entre elas a necessidade do pensamento feminista fazer conexões entre

¹ Trabalho apresentado ao NP 13 – Comunicação e Cultura das Minorias, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Doutoranda do PPG em Ciências da Comunicação – Unisinos/RS, investigadora CAPES. Graduada em Psicologia, Mestre em Ciências da Comunicação, investigadora financiada pela agência CAPES. E-mail: adrianabraga1@yahoo.com.br

³ Tradução pessoal. No original, “...the study of media as environments”.

⁴ Por exemplo, já em meados dos anos 1960, Gregory Bateson teorizava sobre a “ecologia do espírito” em *Steps to an Ecology of Mind*.

várias coisas às quais os seres humanos estão conscientes hoje e que o pensamento hegemônico masculino tem negligenciado (ONG, 2002, p. 8). Esse autor considera que, dado o intensivo e detalhado conhecimento atual do universo interconectado e sua história evolutiva, vivemos no que poderia ser chamado de “era ecológica”. Logan (2002) localiza o início da perspectiva ecológica da mídia às acepções mcluhanianas⁵, pioneiras na preocupação com o papel dinâmico da mídia e da tecnologia nos ambientes econômico, político, social e cultural. Nesse sentido, a perspectiva ecológica da mídia agrega como aspectos da comunicação os estudos da mídia, da tecnologia e da linguagem, e a interação entre esses três domínios, entendidos como um ecossistema (LOGAN, 2002).

Assim, tomo como ponto de partida a noção de cultura feminina, entendida como o conjunto das definições sociais acerca da feminilidade, dos papéis sociais relativos à mulher e à condição feminina, bem como os posicionamentos dos membros da sociedade acerca destas formas culturais. É evidente que, em uma sociedade complexa, vários outros fatores intervêm na cultura feminina, como classe social, grau de escolaridade, faixa etária ou dispersão demográfica, conferindo características específicas para cada grupo social. Entretanto, perpassando todas essas variáveis, parece haver um núcleo relativamente estável de significados socialmente compartilhados em um nível mais amplo acerca do papel e dos atributos relativos à feminilidade. Este estudo se alinha com uma perspectiva semiótica da cultura, que a considera como o fluxo dos significados compartilhados pelos membros de uma dada sociedade, a “teia de significados” na qual se move o ser humano (como na perspectiva weberiana de GEERTZ, 1978). Neste ponto de vista, a cultura é concebida como processo dinâmico, constantemente atualizada nas interações sociais cotidianas, na perpétua negociação de significados a partir das relações interpessoais. Assim, a cultura feminina é elaborada em fluxo contínuo em conversas, telefonemas, *emails*, *chats*, *websites*, anedotas, reportagens, programas de televisão, entrevistas, livros, relações familiares, de trabalho, etc. Neste artigo, um aspecto particular deste vasto universo da cultura feminina me interessa destacar: a comunicação estabelecida entre mulheres através do computador. Para tanto, escolhi como ponto de observação o contexto interacional estabelecido em torno de um *weblog* específico, o *Mothern*. O título deste *weblog* resulta da contração entre as palavras *mother* + *modern*, deixando clara a relação entre os domínios da maternidade – tema por excelência da cultura feminina – e o contexto da modernidade. Assim,

⁵ Entretanto, McLuhan foi severamente criticado por propor um paradigma para a mídia que não poderia adequadamente articular a relação entre mídia, poder e comércio. Segundo alguns críticos (HORROCKS, 2001; COYNE, 1999), a possibilidade das teorias do estudioso canadense sobreviverem passa por uma radical re-orientação sócio-econômica e fatores políticos, como capital global, acesso às tecnologias, vigilância, censura e monopólio de *software*. A recuperação das proposições e hipóteses que tiveram grande vigor na década de 1960, apresentando um ponto de vista então revolucionário sobre aquele novo objeto de pesquisa, a mídia, apresenta-se na literatura do século XXI ora de forma crítica e até irônica pelo caráter religioso que esse legado assume, ora analiticamente, em um esforço de revigoração de seus conceitos.

este *locus* de investigação apresenta um conjunto concentrado de variáveis diretamente pertinentes aos objetivos desta reflexão: feminilidade/maternidade, modernidade e comunicação.

Modernidade, Individualismo e Gênero

O período denominado “alta modernidade” ou “modernidade reflexiva”,⁶ segundo Beck (1997), apresenta duas tendências, uma macro e outra micro-social: no plano econômico, a globalização; no plano subjetivo, a individualização. É interessante considerar que a ênfase na individualização como valor social em si não é, segundo Elias (1994), exclusividade da sociedade moderna europeia, mas um princípio social fundamental presente na maioria das sociedades altamente diferenciadas. Para Elias, a consciência da individualidade como valor⁷ é resultante de um longo processo de aprendizagem social, difundido gradualmente no compasso histórico de cada sociedade, o que implica a luta por distinguir-se do que está dado, do previsto, do tradicional, a partir das próprias realizações. Assim, a tensão entre indivíduo e sociedade na alta modernidade passa pela relação de cada indivíduo com a tradição.

Neste sentido, é interessante destacar as interconexões entre modernidade e tradição, descritas por Giddens (1997). A dimensão de gênero no processo de modernização, segundo o autor, resultou na divisão clara de espaços masculinos e femininos no campo social, reiterando a masculinização do espaço público:

... a compulsividade da modernidade foi, desde suas origens, dividida por gênero. A compulsividade documentada por Weber em A ética protestante é aquela de um domínio público masculino. (...) Os modos tradicionais da diferença de gênero – e da dominação de gênero – foram ao mesmo tempo ativamente reforçados pelo desenvolvimento de tradições mais recentes, incluindo a emergência de um ethos de “domesticidade” feminina. (GIDDENS, 1997, p. 117)

Esta espécie de reiteração moderna da tradicional dominação masculina levou movimentos contra-hegemônicos como a revolução feminista a obterem seus principais avanços na ordem da vida privada, uma “sub-revolução”, nos termos de Beck (1997):

A sub-revolução das mulheres, que vai minando o sistema nervoso da ordem cotidiana da sociedade, apesar dos revezes, pode certamente proporcionar à sociedade uma face diferente. É necessário apenas arriscar essa experiência do pensamento: uma sociedade em que homens e mulheres fossem realmente iguais (não importa o que isso pudesse

⁶ Descrito por Lucien Goldmann (1972) como uma terceira fase do capitalismo. Ele propõe uma periodização na história do capitalismo ocidental ao nível econômico, indicando suas correspondências filosóficas e literárias – a saber, capitalismo liberal (período até 1910, marcado pelo individualismo e pelo desaparecimento da idéia de totalidade); período imperialista ou do capitalismo em crise (1911 até a Segunda Guerra Mundial, quando os elementos individualistas não são mais centrados na razão ou na percepção, mas nas possibilidades e limites do indivíduo, que por sua vez perde importância econômica e social); e finalmente, a sociedade de consumo ou de massa (esta em que vivemos hoje, caracterizada pelo aparecimento de mecanismos conscientes de auto-regulação).

⁷ Categoria próxima a que Louis Dumont (1985) denominou “valor-indivíduo”.

implicar nos detalhes), sem dúvida nenhuma, seria uma nova modernidade. (BECK, 1997, p. 40)

Dessa forma, frente ao pano de fundo do processo social denominado “alta modernidade” e sua complexa relação com a cultura feminina apresenta-se a angulação teórica relativa ao objeto proposto nesta reflexão. Mulheres modernas, jovens mães, usuárias de Internet, se encontram, se associam, interagem e compartilham subjetividades, em um ambiente de sociabilidade.

A cultura feminina, entendida como processo dinâmico, instável, em fluxo, registra modificações nas formas de controle e autoridade no interior da família, nos comportamentos, visões de mundo e valores morais ao longo das décadas. Mudanças conseqüentes do processo de industrialização, urbanização, acúmulo e distribuição social do conhecimento e o impacto gerado pelas correntes feministas no processo de emancipação da mulher resultaram em uma reorganização da sexualidade feminina a partir do aparecimento da pílula anticoncepcional, relativização do poder das relações de parentesco e maior complementaridade de funções entre papéis de gênero. Todo esse processo provocou impacto sobre as subjetividades e fez surgir novas práticas sociais. Entre as alterações nas formas de organização da família, testemunhou-se durante as últimas décadas a implementação de uma proposta alternativa a uma visão tradicional de maternidade e a um conjunto de referências tidas como ultrapassadas, “uma opção diversa daquela que é facultada basicamente pela Medicina tradicional, pela Psicanálise clássica e pela herança de um sistema ‘tradicional’ de valores e comportamentos” (ALMEIDA, 1987, p. 11).

Almeida (1987) constata através da observação de dois grupos de mães, das décadas de 1950 e 1980, uma predisposição do grupo mais jovem de se distanciar da ameaça de reprodução do modelo de maternidade de suas mães visando a conquista de padrões de atitudes vividos como modernos e libertadores face ao elenco de valores familiares percebidos como arcaicos e tradicionais.⁸ A investigação procura captar linhas de continuidade e descontinuidade entre os dois universos simbólicos femininos focando a análise na relação das informantes com os maridos, com a família de origem, com os profissionais da gravidez, com o grupo de pares e da mulher consigo mesma. Entretanto, a autora constata que na sociedade brasileira, os índices evidentes de modernização acelerada ao longo das três décadas sob exame não corresponderam à modernização que se processou no âmbito das subjetividades, ou seja, não houve uma descontinuidade marcante de visões de mundo entre os dois grupos.

⁸ Elisabeth Badinter (1985) realiza uma análise histórica sobre o amor materno na França entre os séculos XVIII e XX. A investigação relativiza a idéia de o sentimento materno ser um procedimento da “natureza feminina” a partir da observação da evolução das práticas e atitudes maternas ao longo dos séculos e assim demonstra que a própria noção de amor materno é variável conforme épocas, costumes e comportamentos.

Ciber-Cultura Feminina

Não obstante a cultura feminina continuar mudando, as mulheres continuam precisando conquistar espaços: sua condição de grupo minoritário na sociedade frente à hegemonia masculina não foi essencialmente alterada. Nesse sentido, as freqüentadoras do LV do *weblog* citado – objeto empírico desta reflexão – podem ser consideradas um exemplo atual de uma geração de mulheres a ocupar esse território tradicionalmente masculino, o mundo das máquinas e da tecnologia computacional. A dominação masculina no incipiente contexto da Internet foi constatada por pesquisas realizadas ainda em meados da década de 1990, no início das atividades comunicacionais na rede (MILLER, 1995; TURKLE, 1997). Apesar de ainda se constatar uma ocupação predominantemente masculina, a perspectiva parece ser de que seja diferente dentro de alguns anos, haja visto o caso empírico que apresento a seguir.

O grupo em questão parece ser um caso emblemático contemporâneo, em que a tecnologia computacional participa como elemento ativo na comunicação cotidiana entre as participantes, oferecendo condições específicas para rearticulações de sentido que merecem nota.

Entretanto, a tematização da experiência materna entre mulheres no contexto atual pode ser facilmente ligada a uma atitude *démodé*, ligada a uma perspectiva tradicional da feminilidade, que se relaciona com a tríade marido-casa-filhos. Desta forma, na medida em que a maternidade como tópico de conversa parece ter perdido espaço no contexto social, a Internet parece surgir como local de encontro e tematização da maternidade, livres da conotação pejorativa, uma vez que se articula aos significados positivamente valorados da atualização tecnológica e participação na esfera pública.

Assim, o ambiente midiático-tecnológico desse *weblog*, a exemplo de muitos outros na rede, oferece a possibilidade de combinar essas duas perspectivas femininas, propondo uma solução para esse aparente paradoxo: ser materna e moderna ao mesmo tempo. Esse ponto fica bastante claro no exemplo abaixo, em que uma freqüentadora ressalta o lugar social ocupado pelo ambiente do LV:

1062 - Eu acho que por aqui tem uma mulherada falando muito, em torno de um assunto importante mas que é 'as vezes até pretexto, e é muito feminino. Então, rola uma comunidade, uma história de amigas, de papo de mulheres de que a Zel tem falado lá no blog dela, e que eu acho interessante, que é o de que mulheres urbanas, hoje em dia, carecem do contato com outras mulheres, suas mães, irmãs, vizinhas etc e ficam

com seus homens maravilhosos mas que não suprem toda essa ânsia de conversar e conversar e fofocar e falar bobagem e falar muito muito muito.⁹

Desta maneira, o ambiente interacional possibilitado pelo *weblog* pode ser socialmente apropriado de muitas maneiras. Neste caso, resgatando uma prática social feminina que havia se tornado envelhecida, articulada a uma definição da conversa entre mulheres como assunto essencialmente fútil e desnecessário, enquadrado por uma ordem masculina. No mundo do trabalho, de onde a maioria do grupo observado acessa a Internet, a sociabilidade feminina – um epifenômeno das relações de trabalho *online* – encontra um lugar de expressão. A seguir, descrevo modalidades interacionais ocorrentes nesse ambiente, em uma tentativa de sistematização desse complexo fluxo comunicacional.

Interação comunicativa nos *weblogs*: três modalidades

A utilização do computador como suporte técnico por mulheres no estabelecimento de uma atividade comunicacional cotidiana, implica familiaridade com os equipamentos e atualização com o desenvolvimento de tecnologias avançadas: bens simbólicos que representam valor no campo social. Sendo assim, o domínio das linguagens da CMC por mulheres pode ser visto como um domínio em que, pelo engajamento na atualização tecnológica, se relativiza a desvalorização social do conteúdo a ser tratado – no caso, a tematização da experiência materna –, que naquele ambiente passa a ser entendido como um espaço de mulheres modernas. Se na vida social o assunto feminino pode ser entendido como assunto menor, sem importância ou interesse, no ambiente proporcionado pela Internet essa articulação desaparece do universo simbólico das utentes. O deslocamento do ambiente físico para o tecnológico fica claro no comentário de uma das blogueiras em uma entrevista concedida recentemente à revista Pais e Filhos: “Antes as mães se encontravam nas pracinhas, hoje em dia, na frente do computador, a nossa praça” (*Pais e Filhos* n. 422. Maio/2005).

A comunicação através da Internet tem suas características específicas e cumpre rituais próprios, ainda em formação, mas diferenciados daqueles seguidos nas relações face a face.

A chegada de um/a novo/a participante no ambiente interacional do LV geralmente é motivada pela aparição das blogueiras em um produto de mídia impressa ou eletrônica, por indicação de amigas que já freqüentam o LV ou, no início das atividades da *homepage*, de vários/as amigos/as e familiares na forma de congratulações e estímulo pela iniciativa. Nas

⁹ Os materiais retirados do LV foram mantidos em sua grafia original, sem alterações ou correções.

mensagens deixadas nestas situações, é possível identificar padrões interacionais, tanto na entrada quanto no tipo de reação que essa entrada provoca.

Entre as frequentadoras habituais, a interação observada neste contexto parece evitar atritos com a realidade, aproximando-se do que a sociologia formal de Georg Simmel define como um ambiente de sociabilidade (SIMMEL, 1983). Ponto semelhante é desenvolvido por Goffman (1998), para quem a maior parte da interação social cotidiana é possibilitada pelo engajamento comum e voluntário dos participantes no que ele chama de “consenso operacional” (1998, p. 19), uma espécie de concordância superficial, onde cada participante abstrai suas posições pessoais em prol de uma definição da situação compartilhada por todos. Entretanto, pontos críticos podem ser observados pela culminância de posicionamentos motivados pela entrada em cena de alguma participante ou de algum assunto mais polêmico levantado. As questões nestes casos geralmente remetem a assuntos respeitantes ao universo feminino. Numa mistura de descomprometimento lúdico e tratamento das questões em jogo, negociações de definições de realidade em torno do assunto em questão são propostas nesse contexto interacional, entendido pelas participantes como espaço de liberdade pessoal de expressão. Em um primeiro esforço de compreensão do fenômeno em análise, os dados apontam para três modalidades que destaco a seguir.

a) entrada em cena

O *weblog* em exame está em atividade há dois anos, mantendo a ele associado o LV por igual período, onde participantes e frequentadoras entram em cena a partir de um primeiro comentário em que se apresentam, e como retorno podem receber comentários de outras participantes. Os comentários deixados pela primeira vez no LV, na grande maioria dos casos, utilizam o elogio como senha de acesso ao ambiente interacional. A maternidade como tópico geralmente participa do conteúdo veiculado pela mensagem de apresentação, mas o elogio ainda é o principal recurso utilizado para a aceitação no grupo. São amigos/as, pessoas recomendadas por amigos/as, colegas de trabalho, parentes e desconhecidos/as que encontraram o endereço através de menções ao *weblog* em revistas, jornais, televisão ou outros *sites*. A reação ao elogio é, invariavelmente, o acolhimento amável das blogueiras, como no exemplo abaixo, em que fica clara a sequência elogio-réplica de acolhimento, além de condensar em poucas linhas elementos centrais da definição do *weblog* e seu público.

726 – Edilene: Demai!!!Tudo que eu sempre penso, tenho dúvidas, imagino, reclamo e choro está aqui. Nada como saber que vc não é a única que trabalha, tem filho, marido, cuida da casa, cai na balada, ama isso tudo e não abre mão de nenhuma parte. Tudo de bom! Edilene, quase quatro anos de experiência de mothern com a Beatriz. (...)

728 – Ju: Ei, Edilene! Seja bem-vinda! A idéia do Mothern é essa mesma: vamos reunir nossa turma e dominar o mundo! O objetivo final é aprovar a lei que regulamenta a

obrigatoriedade de berçário privativo c/ baby-siters treinadas em todos os eventos culturais e de entretenimento para públicos superiores a 30 pessoas. E nunca mais vamos ter que ouvir os comentários das amigas solteiras sobre a noite anterior: "menina, a balada tava tuuuuudo! Pena que não deu para você ir, né?!" Por mundo mothern-inclusivo! (Juro que não estou me candidatando a nada... Ainda! Hahaha!).

Em alguns casos, a entrada em cena se dá de outras formas, em que apresenta-se diretamente uma demanda, dica, sugestão ou comentário genérico, o que tenho chamado de “não-elogio”, que em geral também é bem recebido, como no exemplo a seguir.

337 – Patrícia: Oi ! Gostaria muito de saber o mail da Laura! Sou de BH e pelo visto ela tb...tenho um baby de cinco meses q tá dando uma trabalhadeira danada e estou ficando desesperada! Gostaria de trocar umas idéias, please! Aguardo resposta. Obrigada

338 – Laura: Patricia, meu e.mail é o xxx@xxx Fique 'a vontade para me escrever, mas se quiser falar do problema aqui no guestbook, pode ser até melhor, pois temos um supertime de leitoras-consultoras-palpiteiras-fodonas ;) Beijo.

Entretanto, às vezes, a entrada se dá de modo bastante turbulento, com críticas muitas vezes severas ao conteúdo tratado no LV. Nestes casos – pouco comuns – a reação das frequentadoras é rápida e fulminante. Às críticas quanto aos conteúdos se opõe a firme posição do LV como espaço de absoluta liberdade de expressão à disposição das frequentadoras, enquadrando as críticas como “patrulhamento” inaceitável. No exemplo abaixo, o mote do atrito foi o desprezo das frequentadoras ao modelo vestido por uma atriz conhecida em uma festa no Rio de Janeiro na qual uma delas esteve presente. Uma amiga da famosa atriz resolveu defendê-la entrando em cena nos seguintes termos, acompanhado de algumas réplicas:

1122 – Flávia: Isso é uma espécie de sala de fofoca ou o q?Troquem telefones e nos poupem desse clima Caraslesbiangossipchic,ok?
ps:é feio dar nome e sobrenome...e logo uma gente boa como a Silvinha.Me poupem!!!

1123/4 – Patty: ahahahaha!Essa aí deve ter tomado Catuaba com Jurubeba Leão do Norte! Deve estar com um piriri arretado!

1125 – Flávia: Eu não tô mal,não,juro q não!Minha TPM enfim se foi em forma de sangue e eu tô ótima,mas é q ficar falando dos outros...sei não...deixa a moça andar por aí de mini rosa e a outra surtar e o outro beber todas,não faz mal pra vcs não,não passa nem nada.
beijos para todas

1130 – Fal: Ninguém tem que poupar ninguém de nada....a internet tá lotada de guestbooks, cada um procura o que lhe convém, ninguém é obrigado a vir aqui ler as nossas bobagens. Ângela, não, não, vc num tava ofendendo ninguém E vc não tava fofocando, nós estamos fofocando. Do vestido cafona da Silvia, do meu pé de drag queen e das maluquices da Patty. Do choro do Bruno, dos roncões do Aleh, dos oponentes do Lula. Patrulha, a essa altura do campeonato, não, né??? Patrulham a gente em tudo qt é lugar e vão vir patrulhar aqui?? Então, deixa uma andar de vestido rosa, a outra dar pro marido da irmã e a gente fofocar, surtar, brincar, deixar o dia mais levinho em paz.
A gente tá amando a nossa sala, de fofoca, de enfernaria, de manicure, de spa, de terapia, seja lá do que for. Ela é isso tudo sim.

~Todo mundo que frequenta direto vem pq o dia fica mais gostoso, engraçado, tranquilo. Os prazos ficam menos apertados, os choros de manha mais baixos, os cabelos mais domáveis, a pele melhor, a meia não corre o fio, o esmalte não faz bolha e a sogra tá uma calda de açúcar. Ninguém vem aqui pra sofrer, ou eu tou louca e vcs são todas umas masocas??? Tá sofrendo? Encontra um lugar onde não sofra, onde seja poupada das dores e do que vc considera ofensivo.

É interessante notar que, quando um atrito aberto como o do exemplo acima ocorre neste ambiente, a réplica das frequentadoras busca na definição deste ambiente comunicativo e público como espaço próprio e livre o argumento de rechaço à crítica recebida. Esse padrão defensivo pode ser observado em vários outros conflitos ocorrentes nesse mesmo ambiente, a exemplo de outros *weblogs*, geralmente definidos por seus blogueiros/as como local privado em que os “de casa” impõem as regras e os incomodados que se retirem.

b) conflitos

Eventualmente, o clima de amabilidade cotidiana deste ambiente interacional é abalado por dissensões entre as próprias frequentadoras em torno de posicionamentos díspares com relação a temas polêmicos. Nestes casos, geram-se longos desdobramentos em que posições são acirradas, indecisões são interpeladas, trocam-se acusações, participantes decidem se retirar ou são expulsas, enfim: dinâmica do conflito. A ocorrência desse tipo de situação não é a tônica do ambiente, mas vários incidentes puderam ser observados ao longo desses dois anos de atividade do *weblog*. Como exemplo, destaco a seguir alguns comentários veiculados a propósito do conflito suscitado por uma frequentadora que solicitava opiniões sobre se deveria ou não praticar um aborto frente a uma gravidez indesejada.

8956 – Babi: Olás.... estou escrevendo pq estou precisando de ajuda.... como vcs sabem, estou grávida de quase 1 mês e meio, e vivendo todas as angústias, dúvidas e medos de uma "recém grávida".

Tenho 28 anos, sou publicitária, ainda batalhando pra conquistar minha independência e meu espaço. Moro com a minha mãe, e o meu namorado tb mora com os pais dele, e está desempregado.

Minha gravidez foi totalmente inesperada e nada planejada... sempre quis (e ainda quero mto) ter filhos, mas em uma outra situação.... morando na minha casa, com o meu namorado ao menos trabalhando, enfim.... ele não quer ter, diz q não é a hora. Minha família sabe e tá me dando a maior força, mas mesmo assim eu penso em mtas coisas: eu ainda nao tenho condições de morar sozinha, divido o quarto com o meu irmão, o pai do meu bebê tá desempregado... pra ser sincera, só o que eu penso é em não ter o bebê, mas tenho mto medo de todas as consequencias disso.

Estou super confusa e angustiada, preciso de um conselho, uma luz, alguma coisa q me ajude a decidir o que fazer....

Obrigada.....

8957 – Ju: Putz, Babi, taí uma decisão que realmente ninguém pode te ajudar a tomar. O que você tem que fazer é olhar bem para você mesma e descobrir o que você dá conta ou não. Ter um filho realmente é muito trabalhoso, vai ocupar sua vida por inteiro, pelo menos durante alguns anos. Mas a verdade é que quase todo mundo acaba dando um

jeito, arranjando uma solução e se apaixonando pela cria, então, se a opção for essa, pode ter certeza que vai ser difícil, mas que no final as coisas acabam se ajeitando mesmo. Agora, não ter depende muito dos seus próprios valores. Se você é tranquila com relação a isso, pode ser uma opção, mas se você tem dúvidas, se tem grilos, tem que entender se vai dar conta ou se vai passar a vida remoendo o que fez e se culpando, porque aí a solução pode acabar sendo pior que o problema. Um conselho que te dou é, caso a opção seja pelo aborto, não fique propagando isso para qualquer um. Não se esqueça que vivemos no maior país católico do mundo, e as pessoas às vezes são bem agressivas na defesa dos seus próprios valores. É melhor você se preservar. Boa sorte, e muita tranquilidade aí para você neste momento.

9021 – Denise: Seguinte gente,

Não se trata de cagar(regras), de ser moralista, nem nada disso. É só bom senso. Abortar nada mais é que um eufemismo para matar a criança. Mesma coisa, certo? Me corrijam se eu estiver errada. Quem vai abortar vai matar a criança, ou não? A vida tá difícil? Ooo se tá! Tudo caro, criar filho custa grana. Amor não compra fralda? Compra não. Mas gente, será que ninguém sabia que era daquele jeito lá que vinha nene? Pensava o que? Que era a cegonha mesmo que trazia? Na hora de virar o zoinho ninguém lembra nada disso né? Não lembra que tá desempregado, que não é o momento ideal, etc e tal. Agora que o PROBLEMA tá aí, fácil, mete a faca nele, se livra dele. Ah sim, a camisinha furou, a pilula falhou..claro, claro. Eu nunca vi pais igual a esse pra acontecer essas zebras. Olha eu vou falar uma coisa, eu fico decepcionada em ouvir esse tipo de apoio (siga seu coração, decida, mate) de gente que frequenta um site como o Mothern. Isso é porque é um site de mães, que fala de maternidade. Faço ideia se não fosse....É como já disse alguém, a mulher tem todo o direito de decidir quando ter um filho. Concordo plenamente. Para isso é que é lá na farmácia tá cheio de camisinha, pilula. Tem DIU e mais 200 coisas. Mas eu acho que depois que a criança já tá lá, minha nega, já era, Inês é morta. Tem mais e que botar força na peruca (como dizem aqui) e ver a melhor forma de tocar o barco e não covardemente se desfazer de um inocente que não tem culpa de nada. É só pra encerrar o assunto da minha parte, como disse lá no outro post. Esse feto mesmo que ainda seja migalha, já é pão. Cade a galera que também é contra matar criança ???

9045 – Mani: vem cá, Sou só eu que reparei que as meninas ofendidas todas são desconhecidas e anônimas? Proponho que as costumeiras frequentadoras aqui do LV não alimentem mais a discussão. Vamos falar do que interessa.

9052 – Denise: É isso mesmo Mani e costumeiras frequentadoras, falem do que lhes interessa. O negócio aqui é muito bom, sabe, mas desde que você não contrarie a fina nata. Você concordando, tá tudo ótimo. Sabe o que? Um grande blefe!

9057 – Mônica: Sexo, minha gente, deveria ser praticado apenas por pessoas responsáveis pelas suas consequências, como gravidez por exemplo. Tenham 15 ou 35 anos. Na hora do oba oba, do não para, não para, essa possibilidade é descartada. Depois, qualquer coisa, é só decidir por um aborto básico? Fácil, prático e moderno isso. Muito dedo no olho dessa gente de merda.

9061 – Ju: Peraí, gente! Vamos tentar manter o debate no nível elevado que ele estava. Primeiro uma coisa tem que ficar clara: não existem pessoas “a favor do aborto”. Aborto é sempre uma opção de emergência, traumática, numa situação limite, de sofrimento e desespero. (...) Cada um sabe do que dá conta, e a interrupção da gravidez é um recurso que aparece desde os primórdios da civilização humana, aparece entre índios, entre tribos isoladas. Não tem nada de moderno nisso. A discussão sobre ser ou não “assassinato” é que é mais recente. E até hoje ninguém tem uma posição definitiva

sobre onde começa a vida ou não, onde o embrião passa a ser uma criança ou não. Tanto é que acho que ninguém aqui é tão careta a ponto de condenar o DIU, que é um método anticoncepcional que atua APÓS a fecundação. Também quase ninguém condena o trabalho de clínicas de inseminação artificial, e, na reprodução assistida, vários óvulos são fecundados para os médicos implantarem alguns e eliminarem outros. (...) Cada caso é um caso. (...) Não vamos dificultar ainda mais quem está sofrendo com isso, tentando pressioná-la com argumentos que só têm relevância para quem compartilha as mesmas crenças. Quero deixar bem claro que, assim como eu estou fazendo, todo mundo tem o direito de se expressar aqui(...) Então vamos esfriar a cabeça, sim, e voltar a conversar como gente grande. Um beijo. Continuo orgulhosa deste espaço.

Entre as frequentadoras, a questão específica perdeu a relevância e ganhou densidade de questão metafísica, as opiniões se dividiram entre contra e a favor da vida. O episódio culminou com a saída voluntária das duas frequentadoras que condensaram a posição anti-aborto. Cabe ressaltar nesse episódio, que a retirada destas participantes começa a se desenhar com o comentário irônico de Mani, que as denomina “anônimas” e “desconhecidas”, opondo-as à categoria “costumeiras frequentadoras” a quem prescreve um boicote – forma bastante frequente de exclusão na rede. Assim procedendo, adscrive um território simbólico de pertencimento legítimo naquele ambiente, excluindo as oponentes. A réplica instantânea, sarcástica e ofensiva de Mônica anuncia o iminente abandono do ambiente, mas não da questão. O ambiente é que passa a ser desqualificado: um *site* sobre a maternidade no qual se defende o aborto, segundo ela, é “um grande blefe”. Cabe destacar que o conflito sobre essa questão gerou mais de 150 comentários no período de dois dias, evidenciando o potencial explosivo dessa questão feminina e a demanda por espaço de negociação entre posicionamentos díspares, antagônicos, e mesmo contraditórios.

c) teorização informal da feminilidade

A considerar o processo dinâmico de atualização da cultura feminina, como tratado acima, no contexto interacional do *weblog* observado, é interessante notar o caráter “enciclopédico” dos tópicos de interesse tratados por essas mulheres. Essas mães jovens parecem repensar a maternidade, realizando ali uma espécie de teorização informal que visa negociar definições contemporâneas sobre o conceito de feminilidade, que pode ser extraída desse foro de debate, entendido aqui como espaço público midiático. Em torno das questões em debate, diversas posições acerca de uma definição social do que seja a feminilidade hoje. O saber social relativo à feminilidade/maternidade reflete uma perene tensão entre permanência e mudança. Como mães, o que manter e o que mudar da educação recebida na relação com as/os filhas/os?

Apresento a seguir um trecho em que uma frequentadora coloca em questão a discrepância entre o discurso condenatório sobre a sexualização precoce promovido pela mídia

– senso comum – e práticas que reiteram esse processo no cotidiano. Ela, então, se propõe a repensar posturas pedagógicas frente ao desenvolvimento infantil:

887 – Dani: Agora pra tentar botar um pouco de lenha na fogueira desse dia parado, uma coisa que rolou outro dia e me fez pensar:

Estava eu comentando de uma festinha que fomos com a Bia, e da cena engraçada de um amiguinho da creche que reconheceu ela de longe e veio dar um abraço daqueles 'de urso'. A mãe dele ficou meio aflita porque o garoto é bem maior que a Bia e estava quase amassando a pequena, mas ela ficou lá calmíssima, achando tudo normal. Bom, aí minha mãe ouve a história e diz pra Bia: "Ai, já arrumou um namoradinho, hein?". Gente, estamos falando de um 'casal' que nem completou 2 anos de idade!

Tá, eu não vou dizer que achei a frase a coisa mais grave do mundo nem nada, mas na hora fiquei pensando em como as pessoas vivem prontas pra levantar bandeiras contra a sexualização precoce, a mídia e essas coisas, mas ao mesmo tempo não se ligam nas formas sutis que elas mesmas arrumam para contribuir com a história toda. E não é só nesse papo de sexo, não. Tem toda uma série de outras mensagens 'subliminares' que às vezes eu reparo sobre a paranóia com o corpo perfeito, civilidade, submissão feminina, o papo da tolerância que a Liu levantou outro dia... Enfim. Todo mundo acha um absurdo e que tem que acabar e tal, mas na hora de educar as crianças no dia-a-dia, os exemplos saem truncados e ninguém nem se toca. Será que eu é que sou encanada demais, ou que o povo anda descuidado mesmo?

Embora a freqüentadora afirme não achar “a coisa mais grave do mundo” o comentário malicioso da mãe com relação ao abraço das duas crianças – brincadeira bastante comum – ela se propõe e convida as participantes do ambiente interacional do LV a repensar aquela atitude e a maneira com que esse tipo de brincadeira contribui para reforçar práticas tidas como indesejáveis no contexto social atual. Em uma atitude compreensiva, nota-se a tentativa da freqüentadora de alertar para a contradição existente entre sustentar explicitamente uma posição crítica com relação a algumas práticas e papéis sociais femininos ao mesmo tempo em que se reforçam e se atualizam tais práticas a partir da educação e ação com os/as filhos/as. Motivada pelo espanto em considerar um “‘casal’ que nem completou 2 anos de idade”, a freqüentadora elenca questões ainda hoje relevantes para uma emancipação feminina efetiva, como “sexualização precoce”, “paranóia com o corpo perfeito” e “submissão feminina”. Entretanto, embora a autora do comentário deixado no LV proponha a discussão de tais tópicos, ela mesma enquadra sua fala, tanto no princípio quanto no final do trecho, como um discurso não-sério, fala descomprometida própria da sociabilidade. No princípio ela diz que a intenção é “botar um pouco de lenha na fogueira”, um assunto para queimar na fogueira da interação; no final, em forma de pergunta, ela propõe uma enquete questionando se o tema é de fato relevante ou se seria exagero dela dar atenção ao ocorrido. Ao relativizar a importância do que ela propõe como pauta de assunto, fica claro o ambiente de sociabilidade ali estabelecido, onde se pratica uma teorização informal sobre as questões femininas, um repensar hábitos, práticas e costumes da sociedade, mas que não visa conseqüências de transformação de ação política.

Outro ponto relevante em pauta nesse ambiente consiste na difícil conciliação entre a carreira profissional e as demandas do cotidiano materno. Enquanto as gerações anteriores utilizavam a manutenção da atividade profissional como forma de ocupação de um território masculino e conseqüentemente de emancipação feminina, para a geração atual, da qual o grupo em exame é um exemplo, parece ser mais importante repensar e reformar as condições de tal atividade em sincronia com a atividade da maternagem.

224 – Dandan: Meninas,

Vale a pena ler a entrevista da advogada, escritora e feminista Rosiska de Oliveira na IstoÉ desta semana. Ela fala sobre a condição das mulheres "liberadas" sem tempo para os filhos, para a família. (...) Entre outras coisas, ela defende a reengenharia do tempo, principalmente nas escolas.

"A jornada de oito horas é completamente anacrônica numa era virtual. As mulheres precisam denunciar que estão sendo exploradas".

Uau! Finalmente alguém resolveu falar alguma coisa. Eu acho que a gente podia fazer um movimento tipo "o novo feminismo" discutindo o papel da mulher na sociedade. Não dá gente! Toda vez que penso em ter filhos eu desisto. Para mim, criar um ser humano não é deixá-lo com a babá e trabalhar 10 horas por dia. (...) Outra coisa que fiquei chocada. Uma repórter teve que pedir para o marido trazer o filho dela na redação para o coitadinho mamar. Ah não, gente! Assim não quero! Só para esclarecer, sábado teve convenção do PSDB e do PMDB e eu ralei como uma condenada. Eu e todos os jornalistas de Brasília, inclusive as mães.

Beijos grandes! Dandan

Aqui, pode-se destacar uma proposta radical de conciliação: optar por não ter filhos, ou mudar as condições de trabalho para a viabilização desse projeto. Entendendo a atividade profissional como prioritária – em momento algum a freqüentadora cogita afastar-se do trabalho – marca-se aqui uma posição a favor de uma maternidade participativa, que demandaria uma “reengenharia do tempo”. Assim, uma síntese da proposta seria o estabelecimento de um “novo feminismo”, em que as atividades profissional e materna estivessem igualmente priorizadas, e que encontra espaço de acolhimento naquele ambiente interacional.

Considerações finais

Os processos de enunciação dos ambientes midiáticos operam no interior do contexto sócio-cultural que os cerca. Eles são parte de processos maiores de âmbito histórico, a que Foucault (1986) denomina “formação discursiva”, um sistema complexo de condições sócio-históricas de produção dos discursos. Nesse sentido, os enunciados acerca da feminilidade encontrados no material discursivo sob investigação dizem de um feminino específico de um tempo e de um contexto – uma feminilidade moderna considerando o nosso momento histórico, o que aponta para o caráter processual desta definição.

O tema da maternidade como tópico de interesse para fins de sociabilidade pode ser facilmente entendido como assunto desinteressante ou pejorativamente “feminino”. Nesse sentido, a tecnologia da Internet permitiu que algumas das mulheres que já lidavam com computadores em suas atividades profissionais e/ou cotidianas, utilizassem-na para criar *weblogs* temáticos, voltados exclusivamente para tais assuntos “femininos”, entretanto livres dessa conotação pejorativa. Nesse contexto, são travadas negociações de sentidos em torno da constituição dos papéis de gênero no que tange a prática da feminilidade, como visto acima. Desta forma, amplia-se a oferta de sentidos acerca das representações do “feminino” no campo das mídias, trazendo novas expressões ao já intrincado e complexo campo simbólico das representações midiáticas sobre a mulher.

Assim, a dinâmica interacional da entrada em cena de novas participantes revela aspectos da lógica simbólica que organiza este espaço, uma espécie de protocolo tácito, mas que regula e organiza a interação naquele ambiente, faceta importante da apropriação peculiar da base tecnológica do meio. Os conflitos que surgem ali evidenciam pontos de tensão entre os saberes e posições em jogo, eventualmente desnudando contradições e diferenças irreduzíveis. Como uma espécie de modalidade discursiva de fundo, o estudo dos discursos ali produzidos aponta para a produção de uma espécie de teorização informal da feminilidade contemporânea, negociada entre as participantes sob a égide da sociabilidade digital.

Considerando a potencialidade da ambiência proporcionada pela Internet como campo simbólico de oferta e permuta de sentidos, a teorização informal ocorrente nesse espaço de sociabilidade pode ser entendida como a realização de uma rearticulação contemporânea de significados acerca da feminilidade, nesta sua talvez mais atávica dimensão: a maternidade.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, M. I. M., *Maternidade: um destino inevitável?*

Rio de Janeiro, Campus, 1987.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno.*

Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

BECK, Ulrich. “A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva”. In: BECK, U.

Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo, Editora UNESP, 1997.

COYNE, Richard. *Technoromanticism: Digital narrative, Holism and the Romance of the Real.*

Cambridge, Mass.: MIT, 1999.

DUMONT, Louis. *O Individualismo.*

Rio de Janeiro, Rocco, 1985.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*
Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1994.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*.
Petrópolis, Vozes, 1983.

_____. *Arqueologia do Saber*.
Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1986.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*.
Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

GIDDENS, Anthony. “A vida em uma sociedade pós-tradicional”. In: BECK, U. *Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo, Editora UNESP, 1997.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*
Petrópolis, Vozes, 1998.

GOLDMANN, Lucien. *A Criação Cultural na Sociedade Moderna*.
São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972.

HORROCKS, Christopher. *Marshall McLuhan and Virtuality*.
Cambridge, Icon Books, 2001.

LOGAN, Robert. “The Five Ages of Communication”. In: *Explorations in Media Ecology* (1/1) pp. 13-20. New Jersey, Hampton Press, 2002.

MILLER, Hugh. “The Presentation of Self in Electronic Life: Goffman on the Internet”. Paper presented at Embodied Knowledge and Virtual Space Conference.
University of London, 1995.

ONG, Walter. “Ecology and Some of its Future”. In: *Explorations in Media Ecology* (1/1) pp. 5-11.
New Jersey, Hampton Press, 2002.

SIMMEL, Georg. *Sociologia*.
São Paulo, Ática, 1983.

STRATE, Lance. “The cell phone as environment”. In: *Explorations in Media Ecology* (2/1). New Jersey, Hampton Press, 2003.

TURKLE, Sherry. *A vida no ecrã: a identidade na era da internet*.
Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1997.